

A História de Vida de três de musicistas e educadoras musicais do Distrito Federal: um estudo de pesquisa (auto)biográfica

Comunicação

*Raíza Silva de Andrade
Universidade de Brasília
raiza.mus@gmail.com*

Resumo: Este texto apresenta um recorte de uma pesquisa em andamento, em fase inicial, que tem como tema histórias de vida de três musicistas e educadoras musicais do Distrito Federal com o foco na construção do empoderamento de si gerado pelo percurso formativo e trajetória profissional das coparticipantes deste projeto. O objetivo desta pesquisa é, através de narrativas (auto)biográficas na abordagem de Histórias de Vida proposta por Abrahão (2007) e coletadas por meio da técnica de Entrevista de Pesquisa Biográfica apresentada por Delory-Momberger (2012), desvelar os caminhos pelos quais estas mulheres se formam, se empoderam e se afirmam como profissionais no meio, buscando, assim, oferecer representatividade feminina na área acadêmica e musical.

Palavras-chave: pesquisa (auto)biográfica; empoderamento; representatividade.

Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em andamento que se encontra em processo inicial em um Programa de Pós-graduação de Mestrado em Música.

Partindo do pressuposto de que a escolha do tema de pesquisa nasce da relação do pesquisador com o universo e também acontece em função dos seus valores pessoais, Cintra (1982) defende que “qualquer pesquisa, em qualquer nível, exige do pesquisador um envolvimento tal, que seu objeto de investigação passa a fazer parte de sua vida.” (CINTRA, 1982, p.15). Nas palavras da autora:

[...] o nascimento do tema de pesquisa é um trabalho artesanal de criação que exige do pesquisador a descoberta de seus valores pessoais, um posicionamento crítico e inquieto diante do Universo e uma disciplina de trabalho que permita equacionar valores pessoais com o objeto e o ato da pesquisa (CINTRA, 1982, p.15).

Ao me ver como mulher, trompetista e professora de música em um ambiente profissional com predominância masculina e por ter sido criada em um lar com preceitos de empoderamento feminino, me inquietei ao observar alguns aspectos relacionados ao gênero na música e ao fato de as mulheres precisarem, muitas vezes, reivindicar seu espaço no meio.

A partir disto tomei como sujeitos de pesquisa em potencial, três mulheres, instrumentistas, educadoras da área musical, e que estão em papel de destaque em grupos e ambientes com predominância masculina no Distrito Federal. São elas:

- Simone Lacorte: violonista, professora da Universidade de Brasília, integrante da Orquestra de Violões de Brasília e pesquisadora no campo “música e gênero”;
- Thanise Silva: flautista, professora da Escola de Música de Brasília, arranjadora e solista em diversos grupos de choro e música instrumental;
- Larissa Umaytá: percussionista e produtora de conteúdo on-line sobre estudo do pandeiro por meio de *e-books* e videoaulas.

A escolha das participantes foi motivada por pontos em comum como o fato de todas serem reconhecidas, cada uma em seu contexto, sejam eles formais, não formais ou informais como musicistas e educadoras musicais. Além disso, se entrelaçam comumente, em seus cotidianos, as práticas como musicistas em ensaios, shows e diferentes apresentações musicais. O cruzamento desses pontos comuns fará diferir as singularidades, ou seja, aquilo que dessa síntese do heterogêneo fará emergir nas histórias de vida cruzadas o empoderamento de si.

Em contato inicial com as três prováveis coparticipantes desta pesquisa, todas manifestaram interesse em contribuir com o projeto pela total identificação com a temática e o foco da pesquisa.

Pretendo realizar a pesquisa a partir de narrativas (auto)biográficas destas mulheres seguindo o conceito de "empoderamento de si" gerado pela trajetória de vida, percurso formativo e profissional das entrevistadas e pela própria narrativa deste percurso já que, segundo Mignot e Souza (2015), estes relatos de si são reconhecidos “como lugares de uma ação em que narrar é também afirmar sobre a existência e resistir. [...] Em outras palavras, trata-se de um lugar de empoderamento.” (MIGNOT; SOUZA, 2015, p.27).

A questão da representatividade e do reconhecimento permeia meu interesse de pesquisa como um ciclo em que me sinto representada pelos sujeitos de pesquisa, ao passo que o próprio intuito da pesquisa é oferecer representatividade feminina na área acadêmica e musical.

Diante disto, me instiga investigar: que trajetórias são essas que levam mulheres musicistas a terem essa ou aquela visão? Como elas vêm construindo o empoderamento de si? Como a história de vida dessas profissionais trazem compreensões dos processos de formação em música?

O campo de pesquisa “música e gênero” tem sido apresentado como um tema “que vem emergindo e sendo gradativa e socialmente construído no macro campo do conhecimento da música.” (NOGUEIRA; PEDRO; ZERBINATTI, 2018, p.2).

Em mapeamento realizado por Nogueira, Pedro e Zerbinatti (2018), foram levantadas pesquisas realizadas sobre “mulheres, feminismos, gênero e música” no Brasil escritas entre 1978 e 2017. Neste mapeamento “foram encontrados 141 trabalhos, dos quais 3 (2,1%) estão localizados na década de 1970, 6 (4,2%) na década de 1980, 5 (3,5%) na década de 1990, 41 (29%) na década de 2000 e 86 (60,9%) na década de 2010” (NOGUEIRA; PEDRO; ZERBINATTI, 2018, p.4), dados que reafirmam o crescimento do campo.

Além da ascensão do campo, outro fato que justifica meu interesse de pesquisa é o fato de que grande parte das pesquisas presentes no mapeamento realizado foram desenvolvidas em outras áreas de conhecimento que não a música. Segundo as autoras:

[...] há pesquisas na antropologia social, na educação, nas artes cênicas, na linguística, nas letras, na sociologia, na psicologia, na história, na teoria literária, nas ciências humanas, e em outras áreas e campos. Por um lado, isto aponta para a inter/ multi/ trans disciplinaridade do campo de música e gênero no Brasil. Por outro lado, é possível dizer, [...] que há presença significativa de perspectivas críticas e teóricas feministas, de gênero e culturais nas pesquisas realizadas nestes outros campos, mas, ao mesmo tempo, menor regularidade (ou inexistência) destas mesmas abordagens nas pesquisas realizadas no macro-campo da música - salvo exceções pontuais. (NOGUEIRA; PEDRO; ZERBINATTI, 2018, p.7).

Esses dados confirmam que há uma carência de pesquisas no campo “música e gênero” realizadas dentro do próprio macro-campo da música e, especialmente, com a abordagem (auto)biográfica, a qual pretendo utilizar como metodologia desta pesquisa.

Tomo como objetivo geral desta pesquisa, proporcionar visibilidade às histórias de vida profissional de três mulheres musicistas do Distrito Federal. E como objetivos específicos: desvelar narrativas constitutivas do empoderamento de si nas experiências vividas pelas participantes no percurso do reconhecimento; compreender no percurso formativo e profissional dessas musicistas como se veem como referências no cenário musical do Distrito Federal.

Dialogando com a Literatura

Contar sua história, narrar-se é uma forma com que as pessoas (se) dão conta dos percursos e processos formativos ou por meio dos quais se constituíram. Neste sentido, Delory-Momberger (2012) apresenta a entrevista de pesquisa biográfica como uma ferramenta pela qual se procura apreender e compreender “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.526).

Abreu e Souza (2020) utilizam o termo musicobiografização para relacionar os campos investigativos da educação musical e da pesquisa (auto)biográfica. Nas palavras dos autores:

[...] todo processo de formação em música, dos sujeitos que com ela se relacionam, é organizado estruturalmente com narrativas musicobiográficas que os levam a compreensão de um si mesmo como um outro. Ou seja, aquele que é capaz de escolher intencionalmente acontecimentos daquilo que se recorda e está disposto à reflexão. Dito de outro modo, são estruturas narrativas que sustentam a nossa história de vida-formação com a música. Assim, a força formadora da narrativa musicobiográfica tem características e recursos próprios, com procedimentos construídos em estruturas peculiares da música, os (e)feitos como objeto de formação (ABREU; SOUZA, 2020, p.3).

Sobre o processo de narrativa, Mignot e Souza (2015) compreendem “a escrita como espaço-tempo de poder-saber e como forma de ordenar o mundo, de atribuir-lhe sentido, de divulgar uma visão autorizada de si e do outro.” (MIGNOT; SOUZA, 2015, p.27). Nas palavras dos autores:

[...]cada texto desvela olhares singulares e específicos de narrativas de resistência e empoderamento, através das implicações com os lugares e os modos diversos como os sujeitos vivenciaram e guardam marcas das “feridas” da vida ou como constroem, através da escrita de si, formas de enfrentamento de traumas e de resistências nas aprendizagens biográficas da vida. (MIGNOT; SOUZA, 2015, p.27)

Para Mignot e Souza (2015) a própria narrativa do seu percurso torna-se uma via de empoderamento, uma vez que “permite ao sujeito, em processo de reflexividade biográfica, criar disposições e modos de resistir, de agir frente aos acontecimentos vividos, ressignificando os através da escrita.” (MIGNOT; SOUZA, 2015, p.27-28).

A ligação entre narrar-se e empoderar-se se dá ao passo que “cada um deve ser autor e ator de sua vida, responsabilizando-se pelo seu projeto de vida, fixando em si mesmo autonomização, diante de suas ações e das trajetórias de sua vida, criando disposições de resistência e formas de empoderamento.” (BALASSIANO; OLIVEIRA; SOUZA, 2014, p.14).

O processo de empoderamento, muitas vezes, nos leva à uma reflexão sobre nossa relação com o outro numa busca de representatividade e reconhecimento. Para Abreu (2019), “no percurso do reconhecimento está dado o potencial do agente transformador. Esse potencial é dado pela memória e pela promessa, exigindo esforço por existir e desejo de uma vida realizada.” (ABREU, 2019, p.164). Ainda sobre este tema, a autora afirma que:

Reconhecer-se como um outro dentro de uma área de conhecimento da qual faz parte pode fornecer condições de querer construir a sua história de vida nas ‘significações do narrar de si/ narrar do outro no diálogo (auto)biográfico de uma aventura epistemo-empírica’ (Abrahão, 2018, p. 68). É no reconhecimento mútuo de nossas histórias de vida implicadas com um campo investigativo que os horizontes de responsabilidades seguem no seu percurso. (ABREU, 2019, p. 164 -165).

Também sobre representatividade, Rosa e Nogueira (2015) propõem em seu trabalho uma “rebelião transformadora” que “sendo nossa, e tão intimamente nossa, não deixa de ser também coletiva: a de outras sujeitas que se encontram nas inquietações artísticas, nos artevismos, na militância e na produção de conhecimento feminista.” (ROSA; NOGUEIRA, 2015, p.3). No diálogo empreendido neste projeto de pesquisa com o método (auto)biográfico tomo o termo das autoras supramencionadas como representatividade de si.

Com isso, as autoras indicam a importância do empoderamento e da representatividade da mulher nas produções artísticas e musicais, assim como da mulher pesquisadora no campo que trata de temas que ligam feminismo e música.

Em relação à relevância do tema aqui proposto, as autoras indicam que:

Claro que reconhecemos que o debate sobre gênero e feminismo em música no Brasil é emergente, tendo rendido frutos de grande importância. Contudo, reconhecemos também que o mesmo ainda é incipiente na configuração de projetos e políticas públicas no que tange a materialidade do musical e dos seus sujeitos e sujeitas, sobretudo nas áreas da educação musical e da etnomusicologia, que assumem uma intervenção mais direta com comunidades, instituições, grupos, etc. (ROSA; NOGUEIRA, 2015, p.4).

Abordagem da pesquisa (auto)biográfica e História de Vida

Os pressupostos teóricos desta pesquisa se fundamentam na pesquisa (auto)biográfica, mais especificamente na História de Vida, abordagem que, segundo Abrahão (2007), se diferencia do relato de vida, ao passo que este é um relato fiel da história vivida, enquanto a História de Vida permite que o entrevistado, ao narrar sua história, possa ressignificar os fatos vividos por meio de sua compreensão do presente. (PUJADAS, 1992 apud ABRAHÃO, 2007, p. 167).

Pretendo utilizar nesta pesquisa uma abordagem qualitativa, visto que o material a ser analisado será um conjunto de relatos e narrativas de si oferecidos pelos sujeitos de pesquisa. Abreu (2016) aponta as principais características dos métodos qualitativos como: “a imersão do pesquisador no contexto e a sua perspectiva interpretativa de condução da pesquisa. Ou seja, na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador da realidade.” (ABREU, 2016, p. 2).

A escolha de três sujeitos de pesquisa é fundada na proposta de tríade apresentada por Delory-Momberger (2006) que considera que “as histórias contadas são faladas e questionadas no seio do grupo de três pessoas, tríades que permitem sair da relação dual projetiva e favorecem a emergência da fala.” (DELORY-MOMBERGER, apud ABREU, 2018, p. 153).

Ao trabalhar com uma tríade, o processo de análise exige que o pesquisador faça duplas interpretações, ao passo que primeiro verticaliza “cada história individual, para, posteriormente, transversalizá-las comparando temas comuns e divergentes, reconstruindo, assim, um conjunto de experiências temporais e temáticas relevantes em um contexto coerente e significativo” (ABREU, 2016, p.3).

A técnica de pesquisa será a Entrevista de Pesquisa Biográfica que exige que o entrevistador crie condições propícias para que o entrevistado narre a si próprio e suas experiências criando assim o “seu próprio ‘projeto de pesquisa’, já que o que lhe é explícita ou implicitamente solicitado é a realização de um trabalho de investigação, de definição de sua própria forma, e a compreensão deste trabalho constitui o objeto específico do pesquisador.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.527).

A autora aponta alguns pontos de reflexão sobre a relação entrevistador / entrevistado nesta técnica de coleta dos dados. Nas palavras da autora:

Quem é o verdadeiro perguntador numa entrevista biográfica? Aquele que fala e conta de si ou aquele que ouve e recebe? Aquele que está passando pela prova do seu relato e, por meio dele, das suas formas de existência ou aquele que recolhe as provas deste questionamento? E quem é o verdadeiro interrogado? Aquele que, mediante seu relato, põe a funcionar a hermenêutica prática de sua existência ou aquele que busca ouvir e entender esse trabalho de interpretação? Não será este último o primeiro a ser interrogado quanto à sua maneira de tornar presente e inteira a fala que lhe é destinada e de fazer significar, não para ele mesmo e nas suas categorias ou esquemas de entendimento, mas para o narrador, mediante as atualizações e formatações que este efetiva sobre si mesmo? (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.528).

Segundo Abreu (2016), o processo de análise ao interpretar uma narrativa exige do pesquisador a compreensão de como os entrevistados compreendem e interpretam os fatos

narrados. Nas palavras da autora “o que o pesquisador faz é ir além da descrição do desenrolar de acontecimentos, isto é, ao fazer uma análise hermenêutica estabelece uma rede de sentidos, estruturadas pela narrativa.” (ABREU, 2016, p.3).

Considerações finais

Esta pesquisa parte de uma inquietação pessoal, mas que se apresenta também como coletiva, ao passo que pode se observar, no meio acadêmico, uma crescente abordagem de temas que envolvem o papel feminino na educação e na prática musical. O propósito da pesquisa é, através de relatos (auto)biográficos, amplificar as vozes dessas mulheres que oferecem representatividade por meio de seus trabalhos de excelência como musicistas e educadoras musicais, com o intuito de desvelar os caminhos pelos quais se formam, se empoderam e se afirmam como profissionais.

A abordagem metodológica (auto)biográfica se enquadra nesta pesquisa como uma potencialidade, tendo em vista que o empoderamento de si é um processo individual, mas que também provém dos processos formativos e relações sociais do sujeito, uma vez que tornar-se quem é, ou constituir-se, envolve uma série de experiências que se tem no decorrer de sua formação. Esta pesquisa busca um enlace entre um tema em ascensão e uma abordagem metodológica com o foco no sujeito como narrador de si, pretendendo oferecer como contribuições ao campo da educação musical e ao macro campo da música, compreensões de como os processos de formação em música impulsionam o sujeito como empreendedor de si no meio musical.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Profissionalização Docente e Identidade – A Invenção de Si*. Revista Educação. Porto Alegre, RS, n. especial, p. 163-185, out. 2007.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. *Pesquisa (auto) biográfica em educação musical: Procedimentos e análises de narrativas*. Brasília, 2016.

_____. *A história de vida aguçada pelos biografemas: um recorte da história de Jusamara Souza com o campo da educação musical*. Revista da Abem, v. 27, n. 43, p.150-167, jul./dez. 2019.

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães. *A construção do conceito musicobiografização: um estudo constituído com o diálogo no circuito do narrar*. No prelo 2020.

BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon; SOUZA, Elizeu Clementino de. *Escritas de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: CRV, 2014.

CINTRA, Anna Maria Marques. *Determinação do tema de pesquisa*. Ciência da Informação, Brasília, vol. 11, n.2, p. 13 - 16, 1982.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica*. Revista Brasileira de Educação, vol. 17, n.51, set./dez., 2012.

MIGNOT, Ana Chrystina; SOUZA, Elizeu Clementino. *Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica*. Revista Linhas, Florianópolis, v. 16, n.32, p. 10 – 33, set./dez., 2015.

NOGUEIRA, Isabel Porto; PEDRO, Joana Maria; ZERBINATTI, Camila Durães. *A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais*. Descentrada, vol. 2, n.1, março, 2018.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. *O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música*. Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.2, p.25-56, 2015.